

Centro de Estudos Bahianos

LUIZ MONTEIRO DA COSTA

UM MANUSCRITO RARO

HOLANDESES NA BAHIA EM 1638

PUBLICAÇÃO
SALVADOR - BAHIA

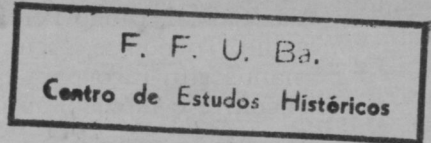
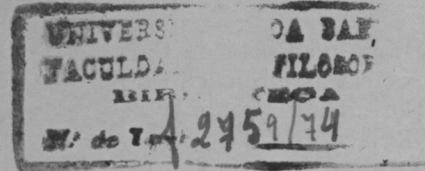
30 DE DEZEMBRO DE 1967

47

Devolva este livro na última data indicada

30 JUN.

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Geral
Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto N.º 9 — Bahia.



UM MANUSCRITO RARO

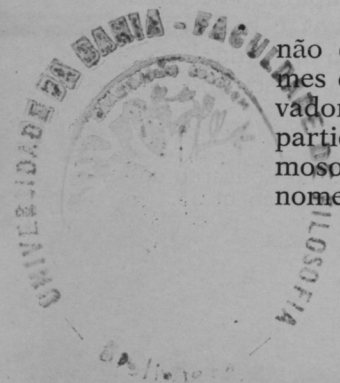
HOLANDESES NA BAHIA EM 1638

Luiz Monteiro da Costa

INTRODUÇÃO

Aconteceu em 1954. Era o ano do concurso nosso para a cátedra de História do Brasil, do Instituto de Educação. A tese escolhida envolvia particularmente a invasão holandesa na Bahia, em 1624. Graças às indicações do trabalho bibliográfico do mestre José Honório, tivemos chance de copiar, ou mandar copiar, documentos raros, ou inéditos, existentes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, inclusive a "Jornada dos Vassalos" de Bartolomeu Guerreiro, já publicada na Revista 78, do I. G. H. B. Dos que não foram, de imediato, aproveitados, um deles é o que constitui o corpo do presente trabalho. O título — "Holandeses na Bahia" — e, ao final, do manuscrito "seguiu-se uma nota escrita pela mesma mão do teor seguinte: esta Relação mandou o médico do Conde e assim tem desculpa e mostra falar afeiçoado nele, ainda que se afirma merecer o que dele conta".

"O Conde" — era o de Bagnuoli. O médico não conseguimos, até agora, identificá-lo. Dos nomes que levantamos, de médicos, na Cidade do Salvador, entre 1626 e 1638, nenhum deles aparece, particularmente, como tendo sido vinculado ao famoso cabo de guerra napolitano. Encontramos os nomes dos licenciados Antônio Cordeiro, Francisco



Vaz Cabral, Diogo Pereira e Diogo da Costa de Carvalho. Tornou-se, assim, necessária a publicação do manuscrito raro para que, pesquisador mais feliz, encontre o médico, autor da Relação.

Bagnuoli tem boa biografia publicada. Chamava-se Giovanni Vincenzo San Felice. Foi Conde, Marquês e Príncipe de Bagnuoli. Filho de Lucrecia Mormillo e de Fábio, senhor de Bagnuoli e Rhodes. Na mocidade estudou Matemática, dedicando-se, a seguir, à carreira militar. Depois de combater na Itália passou a Flandres onde serviu com Ambrósio Spínola, Lélío Brancacio, Luis Velasco, Carlos Spinelli etc. Organizou, em Nápoles, companhias de guerra para servir na famosa esquadra "do mar oceano", as quais foram incorporadas ao Têrço do marquês de Torrecuso e embarcadas na esquadra de dom Fadrique de Toledo. Participou, assim, da guerra de Restauração da Cidade do Salvador e, voltando à Europa, recebeu comendas e títulos honoríficos, batendo-se, no mar, como marinheiro contra ingleses e holandeses. Governou a Calábria e combateu na Alemanha e na Boêmia. Voltando ao Brasil em 1631, teria permanecido até 1641. Aqui o biógrafo do Conde diverge da informação de José de Mirales que o dá como falecido em Salvador e sepultado na igreja do convento dos frades carmelitas calçados. Está, hoje, comprovado, graças ao trabalho de Hermann Neeser (*), que a pedra tumular brasonada, existente na capela da Piedade da citada igreja não é de Bagnuoli e sim de um descendente do doador dela, aos frades carmelitas, que foi Cristóvão de Aguiar Daltro. Mas, o biógrafo de Bagnuoli diz que êle voltou a Nápoles, onde faleceu, e foi sepultado na capela da família, na igreja de Santa Chiara. E acrescenta: " a figura de Bagnuoli, cujo retrato está na Obra de Filamondo, era de um belo homem, cabeça grande, cabelos aparados e partidos à esquerda; olhos grandes, vivos e penetrantes, nariz adunco, bigodes finos, barba aparada, boca bem talhada, estatura mediana, tipo masculino do napolitano".

(*) — Neeser, Hermann — "Sôbre a campa brasonada no Convento do Carmo" — Centro de Estudos Bahianos — Publicação n. 15.

A Relação escrita pelo médico do Conde de Bagnuoli é uma boa síntese da luta contra Maurício de Nassau na sua tentativa de ocupar a Cidade do Salvador, em 1638. A luta desenvolveu-se na zona de Santo Antônio Além do Carmo, durante quarenta dias e o conde de Bagnuoli foi o grande herói da jornada.

Eis a integra do manuscrito:

HOLANDESES NA BAHIA

Pois relatei na pd.^a a V. M. o aperto, e estado miseravel em que o inimigo Hollandês poz esta praça da Bahia, vindo a ella com grande força de gente de armas, e navios / o que nesse Reyno, e Cidade devia causar muito sentimento / não quiz agora calar / por consolação da pena pd.^a / o que a todos será de grande alegria.

O Inimigo entrou por esta barra da Bahia em 16 de Abril, passando ao largo com grande derrota, levando já a mais da gente em lanchas, por ser quasi Sol posto, e com mais presteza a poder botar em terra alem desta Cidade por baxo dos fortes de S. Bartholomeu e de Itapagippe.

Deste posto donde desembarcou, logo de noite veio marchando contra esta Cidade, e se alujou a vista della hum tiro de mosquete, logo com muita pressa se fortificou de dia e de noite, e assentou seis peças de Artilheria com que naquela parte nos matou algumas pessoas e ferio outras, não foi causa de consideração.

O nosso Conde / de Bunholo / se hia tambem trincheirando, e poz na trincheira duas peças, e no meio desta Cidade, no adro da Sé duas culebrinas, que humas e outras lhe fazião ao inimigo notavel dano, como se vio huma dellas derribar a casa do Conde Nazau, e os prisioneiros que lhe tomamos / que serião 80 homens / o confessarão.

Depois do imigo fortificado logo na quarta feira seguinte 21 do dito mez, pelas 9 horas da noite, nos quiz dar hum assalto como deu; o Conde / que he pratico nesta guerra / como se o advinhara tenha posta de emboscada sua gente fora das trincheiras que deu sobre o imigo matando-lhe muita gente, que conforme ao que soubemos dos seus prisioneiros passarão de 200 homens afora os feridos.

Vendo o nosso Conde a muita insolencia do inimigo, e não sabendo ainda da gente que trazia / que depois pelos

f 2
981.42
C837

prisioneiros soube serem seis mil homens / determinou de se fortificar de fora assi para melhor defensão nossa, e desta Cidade, como por o inimigo se não chegar perto a tomar posto, donde houvera de abraçar tudo, e pôr a Cidade por terra.

Neste meo tempo / que foi em 18 de Maio, ás 8 para as 9 da noite tornou o inimigo a nos dar segundo assalto, com mais força e poder, escolhendo para isso a melhor gente do exercito. Os que cometterão as trincheiras forão mil homens, e alguns as subirão, mas con dano seu, por que as cavas dellas ficavão com os corpos mortos entrepados, como sou testemunha de vista, e tão grandes corpos, que nos maravilhavamos e assi lhe foi escusa a muita favina com que vinhão, por que os caminhos erão cheos della, que ficavão dos mortos.

Na retaguarda destes mil / por outro caminho / veio a mais da sua gente que sahio das emboscadas, a que nellas estava, e se travou a briga de sorte, que durou perto de quatro horas, e possível he que durava mais, e se concluire o inimigo, se os nossos se não sentirão ferir e matar por detras das nossas trincheiras, dos que sem ordem retiravão, andando todos envoltos já á espada, como tambem foi no primeiro assalto, de maneira que claramente se vio, que os mais dos nossos, que morrerão e forão feridos, o forão dos nossos mesmos por detras; e se conhecerão os pelouros que se acharão nos feridos.

No primeiro assalto nos matarão os Capitães João da Silva, Portuguez mui esforçado e antigo nesta guerra, e o Capitão Tavora deste Brazil, mui valente e bom homem e pratico nesta guerra, hum Ajudante dessa Cidade o Rego Picão dessa Cidade, e outros quatro ou cinco soldados, huns poucos feridos; de maneira que a perda que se sentio foi a dos tres.

No segundo assalto que nos derão, lhe matariamos quatrocentos para quinhentos homens, os feridos forão tantos, que affirma hu Capitão nosso / o Bezerra, que de novô veio dessa Cidade nas caravellas / que jazia ferido em hum caminho, que passarião por elle, e por cima delle, passante de trezentos homens com corpos as costas; e que se morria não era da ferida se não de pizado. Em fim pelos seus prisioneiros soubemos, que entre feridos e mortos, passarão de mil homens neste segundo assalto.

Dos nossos morrerão os Capitães Souto, Portuguez, grande destruição desta ma canalha, e perda do nosso exercito, que pedindo-lhe o Governador lhe trouxesse hum Olandez lhe trouxe 84 ou 85 dentro em hum dia, afora os que

cada dia trazia; e o Governador lhe deitou a cadea que trazia ao pescoço no seu, de que agora só pelo feitio pedem quarenta mil reis. Outro homem rico desta Cidade lhe deu por outra vez duzentos mil reis, e aos seus soldados duas pagas.

Morreo mais D. Pedro de Rosas, sobrinho de D. Luiz de Rosas, mancebo de muito valor, e bom capitão; ferirão em huma perna ao Sargento mór Antonio de Freitas Portuguez, que em hum e outro assalto bem mostrou o valor em que estava. Ferirão em huma perna / quebrando-lha / ao Capitão Antonio Roiz, Castelhana esforçado. O Capitão Dom João de Tovar, em hum braço, quebrando-lho; o Antonio Roiz fica em perigo. Ferirão o Capitão Bezerra, e o Capitão Dom Franciscó de Souza ambos Portuguezes; ferirão alguns reformados, e muitos soldados do mestre de Campo Barbalho, que he hum nesta guerra e grão verdugo deste inimigo, achando-se / assi de dia como de noite / nestes conflitos.

No dia seguinte que amanheceo vimos os campos valos, caminhos e matas cheos de mortos afora trinta ou quarenta, que nesta manhã lhe matarão o Capitão Barbalho sobrinho do dito mestre de campo Barbalho; e o Camarão que se deitarão pelos matos na rota.

O Conde Nazau, neste dia mandou pedir treguas por quatro horas para mandar levar os seus que jazião mortos, o nosso Conde lhas concedeo; andarão no carroto delles dois carros, cada qual com duas juntas de bois, e os levavão te as nossas estancias, ali os vinhão buscar os seus Indios em redes, e os levavão para o seu arrayal, e disse ao Conde hum Capitão nosso, que andava no carroto que elles vendo-se ja cansados, e enfadados de enterrar tantos os hião deixando por enterrar.

Acabada esta boa festa, mandou o nosso Conde ir por diante com os vedutos, acabou o Capitão Mor Camarão o seu primeiro, e logo lhe assentou duas peças de Artilheria, e como ficava em hum alto sobre o Arrayal do Inimigo, e não longe delle, com os seus Indios tal estrago lhe fez / derribando tambem a tenda de seu Conde / que logo foi visto por-se a cavallo, e afastarse que os fez retirar e desalojar do posto que tinhão, e encobrirse com huma ladeira para o mar, e muitos cavarão, e fizeram suas barracas por baixo do chão.

Sabido isto pelo nosso Conde, mandou que estas peças do Camarão se não carregassem com a polvora costumada, por quanto as balas vararião por vezão de ficarem encubertos com a ladeira do monte, e como menos polvora cahirião a pique, com isto acabarão de os fazer despejar o campo huma

fera norte de agua, e escuro deixando a artilheria, cravinas mosquetes, polvora, piques, enxadas, pas, munições, e muitos outros petrechos de guerra, legumes muitos e de todo genero, muito pão cosido, muito amassado, que tinham feitos fornos, e nessa noite se embarcarão.

Outros dizem que se não foi por este desalojamento que lhe fez Camarão, senão por que tratando de fazer 3.º assalto os seus quebrarão diante do Conde as insignias de Capitães, Alferes e Sargentos, picas, e arrastarão tudo pelo chão a vista do Conde, que se não querião perder. E isto se tem por certo.

Embarcados que forão mandarão pedir ao nosso Conde os prisioneiros que tinhamos seus que são cincoenta que também levão menos / e mandarão treze nossos o Conde lhos não quiz mandar, por quanto lhe tinha mandado dezoito, que também ca tinhamos por elle nos mandar dizer nos mandaria os nossos, o que por então não fez.

Começando o inimigo a ir a vela a vista desta Cidade, e navegar para Pernambuco, mandou o nosso Conde por a gente a vista do mar, com atambores, e mosqueteria, e bandeiras, e lhe derão huma grande sorriada aos que hião passando; o Conde de Nazau que vinha atras com a mais frota / parece que de avergonhado e sentido da vaya, que os nossos lhe davão / não andou por diante, na paragem em que vinha ficou ate anoitecer e se foi, vaenos ameaçando que prestes virá beijar a mão ao Conde, tendo-lhe mandado pedir da parte de Deos que largasse esta praça que a não havia de poder sustentar e defender contra a sua gente, e que de Espanha lhe não havia de vir socorro, e que do que dizia tomava a Deos e aos homens por testemunhas. O Conde lhe respondeu que não tinha necessidade, nem socorro del Rey de Espanha para elle, que tinha mais gente e melhor, e que comer e a campanha muito livre.

Não fallo nesta no Governador deste Estado por que cedeo de seu governo e o remetteo ao Conde, o que lhe foi possível, veo do Ceo, por que alem de se dizer estava praça vendida, o Conde a fortificou toda em roda, alem de tres redutos, que se hião fazendo fora, de muita obra, em que mui principalmente consistia a defesa desta Cidade, a que ainda hoje se acode, e não desabre mão de os acabar, de maneira que a Victoria e despejo do inimigo / que nesta terra esteve 42 dias / abaxo da vontade de Deos, ao Conde se deve mui principalmente e a sua gente que no primeiro assalto so pe-

lejou; que os Capitães e soldados do presidio, que estavam nas trincheiras todos fugirão, e o pobre do nosso Conde assaz doente, a unha de cavallo veo apoz elles ate o mosteiro do Carmo, com hum alfange desembainhado na mão, as pancadas a elles os fez voltar as trincheiras o que prouvera a Deos não fizera, por que voltados, andando os nossos com os imigos as mãos, começarão o das trincheiras desatinadamente a atirar, que nos matarão, e ferirão alguns, por esse respeito se vierão retirando gritando, e o imigo começado ja a desbaratar teve lugar de se retirar.

O Bispo se mostrou com muito animo e zelo das honra de Deos, e do serviço de S. Magestade e obrição sua andando sempre com os clerigos na obra das trincheiras, offereceo muitos mil cruzados ao Conde para a sua gente, deu alguns, andou de noite no Hospital, animando os feridos, e confessando.

Ouve muita caridade na gente da terra para com os feridos, mandando ao Hospital ovos, pannos, fios, doces, vinhos, agua, galinhas, e frangãos.

Fez-se procissão solenne in gratiarum actionem, exequais solennes aos defunctos na Su. Esta victoria e merce tão grande foi de Deos a de S. Magestade se espera agora, para acabar de concluir com este cruel inimigo que tanto destroço tem feito nesta terra, não perdoando a mulheres, nem mininos, o que o nosso Conde mandou muito estranhar ao de Nazau.

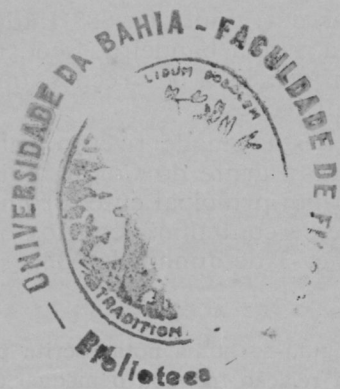
Os navios com que entrou forão 34 entre grandes e pequenos, 30 bandeiras de Infanteria. 888 Indios, afora gente de mar, que era muita, huma bandeira, ficou nos navios, de maneira que se achou pela lista das reções, que ficou no Arsenal, que erão seis mil reções.

Os moradores desta Cidade fizeram entre si finta de 16\$ cruzados que derão a gente do Conde, pois nelles esteve a defeza desta Cidade mui principal ente. Prometerão ao Conde 40\$. Parece-me que se contentará com os quatro mil cruzados, que he o dizimo. 3 de Junho de 638.

* * *

No fim de tudo seguiu-se huma nota escrita pela mesma mão do teor seguinte = Esta relação mandou o medico do Conde, e assi tem desculpa, se mostra fallar affeioado nelle, ainda que se affirma merecer o que delle conta.

Respeitada a grafia original



f.981.42 - C837

2759/74

Costa, Luiz Monteiro da

AUTOR

Um manuscrito raro

TÍTULO

Devolver em

NOME DO LEITOR

CS

30 JUN. Regina Lúcia B. Vieira

f

2759/74

981.42

C837

Costa, Luiz Monteiro da

Centro de Estudos Bahianos